

SOB O SIGNO DO FASCISMO E DO ANTI-SEMITISMO: O INTEGRALISMO NA IMPrensa DE OLÍMPIA/SP (1929-1937)

*Ivair Augusto Ribeiro**

O objetivo principal deste trabalho de pesquisa é o de contribuir para o debate em torno de duas questões polêmicas envolvendo o integralismo no Brasil: sua afinidade com o fascismo italiano e sua faceta anti-semita.

A partir da análise dos artigos escritos por integralistas no jornal *Cidade de Olympia*, buscou-se mostrar um outro viés da doutrina do Sigma, habitualmente estudada nos grandes centros urbanos. Esta análise mostra um integralismo ideologicamente comprometido com a doutrina fascista, fato comprovado por diversos camisas-verdes, inclusive o próprio Plínio Salgado, que assina um artigo admitindo ser a Ação Integralista Brasileira o único partido autenticamente fascista no país. Todos os militantes integralistas que assinam artigos no referido jornal, eram declaradamente simpáticos ao fascismo e viam na figura do chefe nacional o “nosso Duce”.

Já a faceta anti-semita do integralismo, ainda pouco estudada, fica patente através da análise dos mesmos artigos, que mostram o ódio dos integralistas aos judeus, responsabilizados pela penúria econômica do Brasil e do mundo, na década de 1930, e acusados de arquitetar planos com os comunistas de Moscou para dominar o mundo.

Assim, este trabalho poderá colaborar com a historiografia brasileira em dois sentidos: primeiro, corroborar com outros estudos que apontam a A.I.B. como de inspiração fascista e, segundo, alavancar uma discussão mais profunda sobre a presença do anti-semitismo no movimento brasileiro.

INTEGRALISMO E FASCISMO

...Ou os que estão no Poder realizam o nosso pensamento político, ou nós, da Ação Integralista Brasileira, nos declaramos proscritos, espontaneamente, da falsa vida política da Nação, até ao dia em que formos um número tão grande, que restauraremos os nossos direitos de cidadania, e pela força desse número conquistaremos o Poder da República. Por isso, marcharemos através do Futuro e nada

haverá que nos detenha, porque marcham conosco a consciência da Nação e a honra do Brasil.

Trecho do Manifesto de Outubro de 1932

A Ação Integralista Brasileira - AIB, fundada com o Manifesto de 7 de outubro de 1932, pelo sociólogo e jornalista Plínio Salgado, tornou-se o primeiro grande movimento político de massa do Brasil. Numa época em que o país era dominado pelos partidos regionais, como o PRP – Partido Republicano Paulista, do qual o próprio Salgado era filiado, a AIB chegou a reunir 1.352.000 militantes.

O Integralismo surge como a única força capaz de implantar ordem, disciplina: A única força capaz de amparar o homem, hoje completamente esquecido pelo Estado liberal-burguês, como aniquilado e humilhado pelo Estado marxista soviético. Nas democracias o homem está entregue a si mesmo.¹

Seus núcleos provinciais, distritais, regionais e locais espalharam-se por todo o Brasil. Em Olímpia, no interior de São Paulo, o núcleo foi fundado em 1934 pelo advogado Ítalo Galli. Contava com a liderança e participação de figuras consideradas as mais ilustres do município, principalmente profissionais liberais.

Apesar de ter sido um movimento de grandes proporções, o estudo do Integralismo sempre foi relegado a segundo plano pela historiografia brasileira, sendo sinteticamente abordado e acusado como de tendência fascista pela maioria dos livros, exceção feita a poucas obras escritas por não-integralistas.

Os livros didáticos em geral, dedicam poucas linhas ao estudo da AIB e de Plínio Salgado, apenas descrevendo seu aparecimento como um movimento de extrema-direita e tendo como referência o fascismo italiano, durante o governo de Getúlio Vargas, e seu fechamento pelo golpe do Estado Novo em 1937.

O dicionário Aurélio descreve o Integralismo de maneira lacônica:

1. Aplicação integral de uma doutrina ou sistema. 2. Movimento político brasileiro de extrema-direita baseado nos moldes fascistas, fundado em 1932 e extinto em 1937.²

Concordando ou não com a ideologia e os métodos utilizados pela Ação Integralista, não devemos minimizar sua importância e sua força dentro do cenário político

¹ SALGADO, Plínio. *O que é o Integralismo*. P. 40

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. P. 955.

brasileiro da década de 1930. Período histórico, aliás, que se apresentava marcado por um maniqueísmo político. Com a crise econômica atingindo as democracias liberais, de um lado, e a consolidação do regime socialista na URSS, por outro, fascismo e comunismo podiam se apresentar como “salvadores” e polarizavam as discussões.

É preciso resgatar a exata dimensão que o movimento integralista teve no Brasil e aprofundar a discussão a seu respeito, buscando estudá-lo não apenas nos grandes centros, mas também no interior do país, de onde veio um parcela expressiva dos camisas-verdes. Buscar entender como essa ideologia era transmitida e assimilada pela população das cidades do interior.

A principal discussão em torno da AIB é sua relação ideológica com o fascismo italiano. Afinal, Plínio Salgado, mentor intelectual do Sigma, era ou não fascista? Até que ponto o fascismo influenciou Plínio na concepção do integralismo?

Salgado jamais admitiu ser fascista ou ter sido influenciado por esta ideologia, como admitiram outros importantes integralistas, entre eles Miguel Reale e Gustavo Barroso.

A maioria absoluta dos estudos desenvolvidos por não-integralistas, aponta na direção de considerar o integralismo como movimento de cunho fascista, como é o caso dos livros *“Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30”*, de Hégio Trindade, cuja segunda edição data de 1979, e *“Integralismo – Ideologia e Organização de um Partido de Massa no Brasil (1932 – 1937)”*, de Rosa Maria Feiteiro Cavaliari.

A antítese a teoria da relação entre as duas ideologias, parte principalmente do livro *“O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio”*, de José Chasin.

Esse debate torna-se ainda mais instigante, na medida em que se procura analisar o discurso integralista e sua relação com o fascismo e o anti-semitismo na imprensa do interior paulista.

Apesar de não ser o objeto principal da nossa pesquisa, torna-se necessário buscar algumas posições sobre o fascismo, já que a ideologia integralista, na maioria dos estudos, é identificada com a ideologia italiana.

Em seu artigo *“Repensar o Fascismo”*, o espanhol Ismael Saz Campos demonstra a incessante busca de especialistas na tentativa de desvendar a verdadeira natureza do fenômeno:

“Desde o aparecimento deste, então, novo e inesperado fenômeno que foi o fascismo, políticos, ensaístas e historiadores, juntamente com politólogos e sociólogos, têm-se perguntado mais de uma vez acerca de qual era a verdadeira natureza desse recém chegado à arena da

política e da história. Suas conseqüências radicalmente destrutivas e o fato de que se constituíra até então no maior desafio à democracia liberal e ao sistema de valores que inspirou a Ilustração, aguçaram o interesse de todos os protagonistas e experts. O resultado da Segunda Guerra Mundial e a imediata divisão do mundo em dois grandes blocos agregaram, à ânsia de saber, a ânsia de instrumentalizar o inimigo (comum) vencido como arma lançada no combate ideológico do pós-guerra.”³

Diante do que escreveu Ismael Saz, se ainda discutimos a verdadeira natureza do fascismo italiano, o que dizer então de um movimento ocorrido no Brasil, em condições históricas completamente antagônicas às existentes na Itália. (?)

É evidente que o integralismo sofreu influências do fascismo, como o que os próprios integralistas admitem e chamam de “exterioridades”. Símbolos, rituais, cerimônias, indumentária, eram meios de fortalecer sua presença nos mais distantes pontos do país. Nos anos 30, a propaganda visual era uma maneira de atingir um grande número de pessoas. Afinal, como a Ação Integralista Brasileira seria notada e conseguiria arregimentar seguidores em lugares como Olímpia, Marcondésia, Monte Azul Paulista, Severínia, Catiguá, no interior paulista? Não seria somente utilizando a eloqüência, já que a maioria da população vivia na zona rural e, portanto, privada dos mais elementares recursos intelectuais. Muitos dos entrevistados pelo autor, admitem que nutriram simpatia pelo movimento atraídos por estas “exterioridades”.

As “exterioridades” como fator de comparação é confirmado pela filha de Plínio Salgado, Dona Maria Amélia Salgado Loureiro, em entrevista ao autor:

“A comparação é por causa da camisa-verde, as exterioridades. Os críticos se apegaram nas exterioridades. Na verdade, uma faceta secundária. Se todos lessem os livros integralistas, viriam inteiramente a diversidade entre o fascismo e o integralismo. Meu pai nunca considerou o Estado fascista como modelo.”⁴

Podemos dizer ainda, que algumas idéias fascistas também influenciaram sobremaneira diversos intelectuais do Sigma, entre eles, muitos dos que abasteciam o Jornal “Cidade de Olympia” com artigos integralistas.

Vejamos como o Dicionário de Política, resumidamente, define o fascismo:

³ CAMPOS, Ismael Saz. *Repensar o Fascismo*. Tradução do Prof. Alberto Aggio.

⁴ Entrevista concedida a este autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais.⁵

Por esta definição, podemos afirmar que em vários aspectos existe inter-relação entre fascismo e integralismo.

O anticomunismo, o antiliberalismo, a crítica à plutocracia, ao individualismo, a defesa do totalitarismo, do Estado corporativista, do partido único, o culto ao chefe, o nacionalismo são alguns dos exemplos nítidos dessa inter-relação.

Todavia, as duas doutrinas se afastam quando o assunto é expansão imperialista. Mesmo porque, as duas nações, Itália e Brasil, viviam realidades completamente díspares na década de 1930.

Três importantes integralistas sobreviventes do movimento, que tiveram estreito relacionamento com Plínio Salgado, tem visões diferentes sobre esta suposta relação.

O primeiro é o advogado Ítalo Galli, desembargador aposentado e ex-presidente do Tribunal da Alçada Criminal de São Paulo, que foi amigo íntimo de Salgado:

⁵ BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. P. 466.

“O fascismo salvou a Itália da situação de inferioridade que existia em relação a todo o mundo, porque Mussolini era socialista, mas ele verificou que não era racional governar um país em função de um partido só, seria o partido operário. Então, inventou o fascio, que é o feixe de todos os partidos. E com isso ele engrandeceu a Itália, já que a Itália era um país sem expressão. Tornou-se um país importante, mas depois o Mussolini se perdeu, era contra a religião, era contra tudo. Ele achava que não precisava de religião, de Deus, de nada, e no fim aconteceu o que todos nós vimos. Mas a Itália tornou-se um país forte pelo fascismo, depois é que com a guerra sofreu um retrocesso.

A própria crença do integralismo na religião católica não permitiria relacioná-lo ao fascismo. Mussolini não era católico, mas ele compreendeu que o fascio, que era a reunião de todas as forças da nação, representava a necessidade para o engrandecimento do país, mas no fim ele se perdeu, pois dizia que não precisava mais de Deus.

O que perdeu Mussolini foi essa frase, que foi transcrita em diversos órgãos de imprensa: “Nossa batalha é mais ingrata, porém mais bela, porque nos obriga a contar somente com nossas forças. Estraçalhamos todas as verdades reveladas, cuspiamos sobre todos os dogmas, repelimos todos os paraísos, zombamos de todos os charlatões brancos, vermelhos, pretos, que ponham a venda as drogas milagrosas destinadas a dar a felicidade ao gênero humano. Não acreditamos nos programas, nos esquemas, nos santos, nos apóstolos, não acreditamos principalmente na felicidade, na salvação na terra prometida, não acreditamos numa salvação única, quer econômica, quer política, quer moral, numa solução linear dos problemas da vida, porque oh! Ilustres cantores de sacristia, a vida não é linear e não conseguireis encerrá-la num setor fechado entre as necessidades primordiais.”

*Ora, quem quer governar sem Deus, fica sem sua proteção, foi o que aconteceu com o fascismo.*⁶

Outro é o sobrinho de Plínio, o também advogado Genésio Pereira Filho:

*“O único caminho paralelo entre o integralismo e o fascismo é o anti-comunismo. O contato integralista com o fascismo não é nada, a não ser coincidências. É só a má fé que confunde. Caminhos paralelos todos nós temos, pessoas, Estados e instituições, mas as personalidades e pessoas não se confundem, isso é muito diferente. Não se encontra nos artigos de Plínio Salgado apologia ao fascismo e ao nazismo, ao contrário, encontra-se restrições a essas ideologias.”*⁷

O terceiro é o ex-servidor do Estado, empresário e delegado militar para a Região de São José do Rio Preto durante a Ditadura de 1964, Hélio Pellegrini:

*“Essa relação é consequência do dinheiro das esquerdas que surgia para cá e para lá e autores de livros que muitas vezes não são culpados, porque leram errado. A História, depois do senhor Getúlio Vargas ter implantado o Estado Novo, modificou até os dicionários: Integralismo, o mesmo que nazi-fascismo. O nazi-fascismo desfilava aqui sim, no litoral do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná ao tempo de Vargas. Essa confusão toda foi gerada neste país pelo infame Departamento de Imprensa e Propaganda.”*⁸

Em sua viagem ao Oriente e Europa, em 1930, Plínio Salgado encontrou-se com Benito Mussolini e em carta escrita ao tabelião de São Bento do Sapucaí, sr. Manoel Pinto, em 4 de julho de 1930, revelou sua admiração pelo que o fascismo fez pela Itália:

“Tenho estudado muito o fascismo: não é exatamente esse o regime que precisamos aqui, mas é coisa semelhante. O fascismo, aqui, veio no momento preciso, deslocando o centro de gravidade da política, que passou da metaphysica jurídica, para as instituições das realidades imperativas. O Estado Fascista, sendo uma concepção mais ampla do que os limites traçados ao conceito do Estado nos regimes de

⁶ Entrevista concedida ao autor em São Paulo, no dia 2 de março de 2001.

⁷ Entrevista concedida ao autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

⁸ Entrevista concedida ao autor em São José do Rio Preto, no dia 29 de maio de 2001.

índole liberal-democrática, veio interferir em várias atividades, modificando lineamentos anteriores do direito constitucional, do direito administrativo, e influenciando mesma na esfera civil, commerciale criminal, porque o Fascismo não propriamente uma dictadura (como está sendo o governo da Rússia, enquanto não chega à prática pura do Estado Marxista), e sim um regime. Penso que o Ministério das Corporações é a machina mais preciosa. O trabalho é perfeitamente organizado. O capital é admiravelmente controlado. O parlamento é constituído pela representação de classes. Esta última cousa seria preciosa num paiz como o Brasil por dois motivos: teríamos a precisão TECHNICA nas leis, e amorteceríamos o espírito regional nos parlamentos estaduais.”⁹

Em outro trecho da mesma carta, Plínio, demonstrando entusiasmo pelo que viu na Itália, afirma: *“Há outras cousas interessantíssimas aqui. Volto para o Brasil disposto a organizar as forças intellectuaes esparsas, coordena-las, dando-lhes uma direcção, iniciando um apostolado.”¹⁰*

Mas apesar desse entusiasmo que o Fascismo italiano despertou em Salgado, os integralistas sempre procuraram negar veementemente sua ligação com a doutrina criada na Itália

No livro *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*, encontra-se a seguinte resposta sobre se o Fascismo pode ser aceitável:

Não. O Fascismo não é aceitável por ser um regime que suprime a liberdade individual e elimina a representação política, pois as corporações não tinham no Fascismo senão uma função econômica e a Câmara Fascista não passava de um órgão constituído pelas listas do Partido Único, não havendo, portanto, circulação livre da opinião popular.”¹¹

⁹ *Plínio Salgado*. 4ª Edição. Edição da Revista Panorama, 1937. P. 18 e 19.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 38

Desde a fundação da ABI, em 1932, nota-se uma profunda preocupação de seus membros com a associação ao Fascismo:

Mas se Plínio Salgado desejava distanciar-se de qualquer influência política européia, porque então o uso da camisa-verde? Exatamente para combater os surtos políticos estrangeiros, encarnados, naquele momento, pelas “camisas-negras” fascistas que desfilavam em São Paulo e pelas “camisas-pardas” nazistas, que se exibiam em Santa Catarina.¹²

E para explicar a adoção da camisa-verde, Salgado usou o princípio homeopático:

Reportando-se à sua origem, filho que era de farmacêutico, lembrou-se do princípio homeopático do Similis similibus curantur, “os semelhantes curam-se com os semelhantes”. Essa teoria é agora validada pela ciência moderna, por um outro caminho; a inoculação de vírus bons no organismo humano, para combater os vírus maus, propiciando, assim, a cura do paciente infectado. E o organismo da Pátria, naquela ocasião, começava a se infectar...¹³

Os integralistas diziam que o povo não poderia, de imediato, compreender as diferenças entre as doutrinas vigentes na época, Fascismo, Nazismo, Comunismo e Integralismo, então:

Urgia chamar a atenção, polarizar o entusiasmo, saindo às ruas com um camisa cor das matas brasileiras, e com a saudação extraída dos costumes tupis, que se cumprimentavam com a mão espalmada para o alto e a expressão “Anauê!”, que significa “Eis-me aqui!” E como símbolo nada melhor que buscar no cálculo integral a figura que definia linearmente o pensamento integralista: o Sigma, interpretando o conceito de “soma” e também indicativo da estrela austral, que a bandeira do Brasil ostenta. A adoção do uniforme integralista era, pois, um antídoto visando abraçar os movimentos alienígenas e impedi-los de

¹² LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, Meu Pai*. P. 200 e 201.

¹³ *Idem*. P. 201.

*formar quistos raciais que poderiam ser utilizados, sobretudo, pelo imperialismo nazista.*¹⁴

Enquanto os integralistas lutavam e ainda lutam para afastar o estigma de fascistas brasileiros, a maioria dos estudos sobre o movimento aponta na direção oposta.

É o caso de Hégio Trindade, que transformou sua tese de doutorado num dos mais importantes trabalhos sobre o tema.

*O integralismo é um tema vasto e controvertido para ser exaurido num único estudo. O clima de paixão política em que sempre esteve envolvido por seus adeptos ou adversários, explica porque um movimento típico dos anos 30 não fora ainda objeto de uma análise imparcial. O complexo de culpa fascista desenvolvido por muitos de seus dirigentes e militantes e o ódio desencadeado por seus adversários ferrenhos, rejeitaram, durante longas décadas, sua história para o inconsciente da vida política brasileira.*¹⁵

Trindade não hesita em associar o movimento brasileiro ao fascismo, mas afirma em seu estudo, que o integralismo aproxima-se muito mais dos fascismos conservadores, o português (Salazarismo), o espanhol (Falange Espanhola) e o belga (Rexismo), em consequência de seu fundamento espiritualista inspirar-se na concepção tradicional da doutrina social católica, em oposição ao espiritualismo vago do fascismo italiano ou do agnosticismo nacional-socialista alemão.

Embora afirme ser o integralismo um movimento fascista brasileiro, Hégio Trindade se surpreende pelo fato da ausência de qualquer referência explícita à influência fascista sobre a ideologia brasileira: “*a suprema ambição do chefe integralista seria a de construir uma doutrina política original. Além disto, seu nacionalismo chauvinista exaltado seria contraditório com a importação de qualquer dimensão da ideologia fascista.*”¹⁶

Para Trindade, a viagem realizada por Salgado a Europa, em 1930, e seu contato com o fascismo italiano o teriam influenciado na concepção ideológica da AIB.

“O fato marcante dessa viagem, porém, diz respeito à influência que sobre ele passa a exercer o fascismo italiano. Embora seja prematuro tirar conclusões sobre as relações ideológicas entre integralismo e fascismo italiano, a leitura

¹⁴ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Plínio Salgado, Meu Pai*. P. 201.

¹⁵ TRINDADE, Hégio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 1.

¹⁶ Idem. P. 199.

*de alguns documentos divulgados pelos próprios integralistas é bastante reveladora dessa influência..*¹⁷

No entanto, essa influência sobre Plínio é negada por integralistas do passado, como sua filha, Maria Amélia Salgado Loureiro, seu sobrinho, Genésio Pereira Filho e pelo editor Gumercindo Rocha Dorea, e do presente, como o médico Emanuel Pedro Tauyr:

*“Naturalmente ele reconheceu as atitudes todas de Mussolini, que ele fez o saneamento na Itália. Ele (Plínio) nunca considerou o Estado Fascista como modelo. Meu pai deve ter ficado impressionado pela figura do Mussolini.”*¹⁸

*“Naquela época, as relações com o Estado Fascista eram universais, todos os países mantinham embaixadores, representantes. A Itália fascista tinha embaixador no Brasil, a Alemanha nazista tinha. Porque se condena o Integralismo, qual é o único caminho paralelo do integralismo com esses movimentos é o anticomunismo. Você estava numa trincheira lutando contra o comunismo, enquanto outros movimentos também lutavam, mas isso não quer dizer que você seja igual aquele que está ao seu lado transitoriamente. Então o governo brasileiro deveria ser mais condenado pois mantinha relações com a Alemanha nazista. A Igreja Católica não fez tratados com a Itália fascista, o Tratado de Latrão. Não se encontra em seus artigos apologia ao fascismo e nazismo, pelo contrário, encontra-se restrições aos movimentos.”*¹⁹

*“Eu não me recordo de uma frase de Plínio Salgado defendendo Mussolini. Na época, alguns grandes pensadores brasileiros colocavam o fascismo como a grande solução para o Brasil. Você não encontra isso em Plínio, de dizer que o fascismo era a solução para o Brasil. Agora, pode ter havido inspiração.”*²⁰

¹⁷ Idem. P. 74

¹⁸ Entrevista concedida ao autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

¹⁹ Entrevista concedida ao autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

²⁰ Entrevista concedida ao autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

“A decisão de Plínio de conversar com Mussolini, foi apenas uma decisão histórica naquele momento. Em viagem de estudo, a toda Europa, porque não conversar com um chefe de Estado importante. Ele não se inspirou no fascismo para criar o integralismo, porque antes disso já tinha deixado raízes. O fascismo era importante no mundo, mas ele não importou essa idéia.”²¹

Hélgio defende em seu livro, que Salgado nutria simpatia pelo fascismo, que teria influenciado suas idéias, e que sua opção em favor da extrema-direita colocou-o numa posição paradoxal, pois ao mesmo tempo que manifestava uma simpatia mais declarada pelos fascismos, procurava conceber um regime original para o Brasil.²²

O integralista Gumerindo Rocha Dorea prefere dizer que não se trata de uma doutrina original: *“no percurso dele (Plínio) junto aos pensadores brasileiros, do que ele sentiu na pele da realidade brasileira, nasceu então este sonho de criar uma doutrina, que hoje, se tivéssemos recursos, poderíamos torna-la internacional. O integralismo em si é uma doutrina internacional, mas nascida no Brasil. Fundamental para mim, é o princípio espiritualista que seria característica de um Estado criado no Brasil por Plínio Salgado.”²³*

O sobrinho de Salgado, Genésio Pereira Filho, vê originalidade na doutrina política *“quanto à formação cultural do povo, a base espiritual do Estado e a síntese integralista que está na trilogia Deus, Pátria e Família. Segundo ele, nenhum partido político brasileiro criou este aspecto de formação moral e religiosa do povo.”²⁴*

Para concluir a análise do livro de Trindade, no que se refere à relação do integralismo com o fascismo, é importante destacar o levantamento feito pelo autor sobre os motivos individuais dominantes de adesão a AIB.

A motivação principal é o anticomunismo e o segundo é a simpatia pelo fascismo europeu: a maioria absoluta das respostas confirma a influência sobre os aderentes integralistas da ascensão dos movimentos fascistas.²⁵

Outro autor que identifica o nacionalismo chauvinista de Salgado, como fator de distanciamento entre as duas ideologias é Ângelo Trento, no livro *Fascismo Italiano*, apesar de também ver identidade entre as doutrinas.

Apesar de uma evidente identidade de matrizes, a diplomacia italiana (que o fascismo moldara numa diretriz de fidelidade ideológica) percebia que um dos fundamentos

²¹ Entrevista concedida ao autor em São José do Rio Preto, no dia 21 de julho de 2001.

²² TRINDADE, Hélgio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 95.

²³ Entrevista concedida a este autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

²⁴ Idem.

²⁵ TRINDADE, Hélgio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 152.

*políticos dos dois movimentos – o nacionalismo – vinha a ser elemento de conflito, e não de aproximação.*²⁶

Em seu livro, Trento aponta estreitas relações entre o movimento integralista e o Governo fascista italiano, apesar da desconfiança inicial do último, que descrevia Plínio como pessoa incompetente politicamente.

*“Até 1936, a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi objeto de análises superficiais pelas autoridades diplomáticas italianas, que se reportaram aos estereótipos e às matrizes européias, ou melhor, italianas, do integralismo, mais do que a seu papel na política brasileira e seu programa. Em todos os relatórios enviados seguidamente ao Ministério das Relações Exteriores pelos vários embaixadores, de 1931 a 1936 (Cerruti, Lequio e Cantalupo), o que mais interessava era encontrar uma correlação entre a ação do integralismo e a fidelidade ao suposto modelo original. Isso traduzia-se na pouca consideração para com Plínio Salgado, geralmente descrito como pessoa sem capacidade política, pelo menos se comparado a quem, na idéia dos diplomatas italianos, deveria ser o homem a imitar: Mussolini”.*²⁷

Apesar da desconfiança inicial e do medo de entrar em choque com o governo Vargas, simpático à Itália, em 1936 o Estado fascista decide apoiar o integralismo, pois acreditava, naquele momento, num entrosamento entre Getúlio e os camisas-verdes. E caso a situação tivesse evoluído no sentido de um golpe integralista, o fascismo deveria influir sobre o partido irmão, para evitar a influência nazista e os possíveis prejuízos para a Itália, de um programa hipernacionalista.²⁸

Talvez Plínio Salgado tenha deixado para outros integralistas, a liberdade de expressar sua simpatia pelo fascismo, como fizeram Miguel Reale e Gustavo Barroso, ou muitos dos que escreviam para o jornal “Cidade de Olympia”, como Philemon Ribeiro da Matta, Fuad Daud, Conselheiro Y, Nino do Amaral e outros. Enquanto ele, Plínio, mentor e chefe da A.I.B., propagava sua ideologia como original, isenta de qualquer influência estrangeira.

Como já abordamos, as chamadas exterioridades, símbolos, rituais, indumentária, cerimônias, são fatores que aproximam o integralismo do fascismo italiano.

²⁶ TRENTO, Ângelo. *Fascismo Italiano*. P. 79.

²⁷ Idem. P. 78.

²⁸ Idem. P. 83-84.

Em seu livro *Integralismo – Ideologia e Organização de um Partido de Massa no Brasil (1932-1937)*, Rosa Maria Feiteiro Cavalari faz uma extensa descrição do uso dessas exterioridades e analisa o impresso integralista, fundamentais para entender o Sigma.

O objetivo principal da obra não é o de discutir a natureza do movimento, mas a autora também vê sua aproximação ao fascismo:

“Ao analisar o conjunto de estratégias de que lançou mão a A.I.B. para a conformação de identidade do militante e para a padronização e unificação do movimento, pode-se perceber que essas estratégias foram fortemente inspiradas na ideologia fascista européia, particularmente a italiana.”²⁹

Cavalari corrobora com a tese defendida por Trindade, quando julga que as estratégias adotadas pela AIB, embora tenham especificidades que lhes são próprias, foram fortemente influenciadas pelo fascismo europeu e que não se trata de mero *mimetismo* ou de simples *reflexo* de ideologias totalitárias da Europa, entretanto, não podem ser explicadas sem se levar em conta o *modelo de referência externo*.³⁰

A exemplo de Trindade, a autora afirma que o integralismo não pode ser definido como mero mimetismo ideológico, pois deve-se levar em conta que a tradição do pensamento político autoritário brasileiro teve forte influência na formação da doutrina. Entretanto, para Cavalari a influência do fascismo europeu foi, sem dúvida, crucial na configuração da AIB enquanto movimento político.³¹

O que pensa, por exemplo, o presidente do CEDI – Centro de Estudos e Debates Integralistas, no Rio de Janeiro, o administrador de empresas Marcelo Santos Mendez, de 36 anos:

“A comparação é inevitável, mas a partir do momento que comecei a ler os livros de Plínio Salgado e de outros autores integralistas, essas dúvidas iam se desvanecendo. Absolutamente não! O integralismo não foi um movimento fascista. Foi um movimento Nacionalista! Nas correspondências entre o Embaixador Italiano da época para o Ministro das Relações Exteriores, Conde Galeazzo Ciano, o embaixador deixa claro que o nosso nacionalismo integralista era ponto de discórdia e não de união, visto que os fascistas queriam que os italianos residentes no Brasil

²⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – Ideologia e Organização de um Partido de Massa no Brasil (1932-1937)*. P. 212.

³⁰ Idem. P. 33.

³¹ Idem. P. 33-34.

*seguissem a cartilha do nacionalismo italiano. Já Plínio não pensava assim.*³²

As correspondências ao Ministro Ciano, citadas pelo presidente do CEDI, são abordadas no livro de Ângelo Trento *O Fascismo Italiano*, na página 82.

Marcelo Mendez atribuí a comparação às similaridades, tipo camisas-negras e camisas-verdes, aos rituais e as simbologias, *“mas pára por aí as semelhanças, pois ambos os nacionalismos se repelem.*”³³

Outros integralistas entrevistados, negam tal comparação e também se baseiam nos livros de Plínio Salgado, onde, segundo eles, não há referência de que o integralismo seja uma cópia do fascismo.

Entretanto, em suas obras, Miguel Reale e Gustavo Barroso nunca esconderam sua simpatia pelo fascismo e nazismo.

No artigo intitulado “Nós e os Fascistas”, publicado em 1936, na Revista *Panorama*, Reale define as relações existentes entre o integralismo brasileiro e o fascismo europeu: *“Nada de extraordinário, por conseguinte, que sejamos brasileiros, nacionalisticamente brasileiros, e, ao mesmo tempo, apresentemos valores que se encontram também em movimentos fascistas europeus, como o de Mussolini, de Hitler e de Salazar.”*³⁴

Talvez essa posição atual, possa ser explicada pelo fato da derrota tanto do fascismo quanto do integralismo e, conseqüentemente, a associação do fascismo a uma ideologia que representa o que existe de mais sórdido politicamente.

O integralismo pode ter sido um simulacro do fascismo, uma reprodução propositadamente imperfeita de uma ideologia que encontrava-se no auge do debate político da época e que, naquele momento histórico, na esteira do embate com o comunismo, da crise do capitalismo e da democracia e da crítica violenta ao liberalismo, poderia servir aos interesses e à ambição de Salgado em chegar ao poder no Brasil, descontente que estava com os rumos tomados pela Revolução de 30. Mas, por outro lado, uma reprodução adaptada às condições política, econômica, social e geográfica do Brasil e respeitando seu tempo do lugar em relação ao tempo do mundo, que era vivenciado na Europa.

Já José Chasin prefere condenar Plínio e o Integralismo, mas não concorda com a relação entre as duas ideologias.

“Plínio Salgado e o Integralismo sempre foram condenados. Mereceram, merecem e nunca será demais prosseguir na sua condenação. Com uma diferença, que acentua e vigora a sanção: há que sentenciar-los por aquilo que são, não por

³² Entrevista concedida ao autor no Rio de Janeiro, no dia 17 de setembro de 2001.

³³ Idem.

³⁴ TRINDADE, Héglio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 249.

*aquilo que seus válidos inimigos entenderam, ou puderam entender, que fossem. E isto, acima de tudo, para o nosso próprio bem.*³⁵

Chasin busca entender o movimento pliniano, a partir da análise do discurso ideológico de Salgado, como escritor, deputado perrepista e jornalista.

*“Enquanto Plínio Salgado, ao longo do tempo, reiteradamente afirma a originalidade de seu pensamento, a raiz brasileira de suas idéias e sua distinção do fascismo europeu, empenhando nisto um esforço contínuo e sistemático, os autores que a ele se referem têm primado em desconhecer por completo tais argumentos, insistindo exatamente em teses diametralmente opostas; quando muito procedem como quem efetua uma óbvia desmistificação.”*³⁶

Analisando o discurso pliniano, o autor revela que o chefe da AIB, quase trinta anos depois do movimento, concluiu que:

*“A maior parte dos que se enfileiraram no movimento integralista deixaram-se dominar pelas exterioridades, escapando à influência das idéias-fontes, portadoras das energias criadoras e independentes de representações adequadas a determinado momento histórico. Foi por isso que todos aqueles que se alimentaram da casca da grande árvore, sem provar a essência do cerne, destilada nos seus próprios pensamentos, consideraram o Integralismo como extinto, ao terminar a última guerra. Mas os que sabiam os verdadeiros fundamentos doutrinários do Integralismo não tiveram um instante sequer de dúvida; e continuaram lutando por um pensamento que se pode utilizar de exterioridades as mais diversas, conservando-se intangível”.*³⁷

Assim, torna-se evidente que as exterioridades criadas por Plínio, seja para combater os movimentos nazi-fascistas no Brasil, seja para disseminar o seu movimento,

³⁵ CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio*. P.

8

³⁶ Idem. P.33.

³⁷ Idem. P. 78-79.

acabaram sendo elementos fundamentais na cooptação de militantes, muito mais do que as idéias, nem sempre compreendidas a fundo pela massa de camisas-verdes.

Enquanto os intelectuais debatiam no campo das idéias, como em Olímpia onde as expunham através do jornal, a maioria dos seguidores do Sigma eram atraídos pelo uniforme, pelas passeatas, pelos ritos e símbolos e pelo anticomunismo.

Defensor de que os intelectuais deveriam estar no poder e crítico do sufrágio universal, pois acreditava que o voto universal favorecia a vitória dos que dispunham de mais dinheiro, Plínio talvez não tenha se preocupado com esse fato ou somente o tenha percebido tarde demais.

Chasin observa que são do período em que Salgado escrevia artigos para o jornal *A Razão*, as manifestações mais simpáticas ao fascismo. Porém, elas se efetuam dentro de um quadro pliniano de referência doutrinária, isto é, a leitura e a apreciação do fascismo se dá no itinerário dos parâmetros ideológicos do integralismo, ficando à margem e inobservados os do próprio fascismo.³⁸

O que o autor procura mostrar é que para o integralismo, o fascismo é mais uma forma de ressaltar que a crise e a recusa ao liberalismo são fenômenos internacionais. Assim, o fascismo aparece predominantemente como pano de fundo do teatro mundial, e funciona na argumentação pliniana do período como reforço para suas próprias posições, como a desmentir antecipadamente que seu próprio pensamento seja um mero exotismo, como a indicar que seu ideário faça parte do que há de “novo” no mundo.³⁹

Plínio dizia que a Humanidade estava ajoelhada diante de três altares: o altar da Máquina (capitalismo e comunismo), o altar da Nação (nacionalismo, social-nacionalismo, fascismo, integralismo, etc.) e finalmente, o altar de Deus.³⁹⁴⁰ Sendo assim, o chefe nacional colocava fascismo e integralismo lado a lado como doutrinas, não idênticas, mas que buscavam alternativas à crise internacional e ao liberalismo.

Após a análise do discurso do Chefe Nacional da A.I.B., José Chasin conclui que o integralismo não seria um tipo de fascismo, mas sim uma ideologia criada dentro das condições históricas do capitalismo brasileiro, por ele designado de hiper-tardio.

“...O fascismo é uma ideologia de mobilização nacional para a guerra imperialista, que se põe nas formações de capitalismo tardio, quando estas emergem na condição de elos débeis da cadeia imperialista, e o integralismo uma manifestação de regressividade nas formações de capitalismo hiper-tardio, uma proposta de freagem do

³⁸ Idem. P. 413.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem. P. 416.

desenvolvimento das forças produtivas, com um apelo ruralista, no preciso momento em que estas principiam a objetivar o “capitalismo verdadeiro”; ou ainda, numa palavra o fascismo é um fenômeno de expansão da fase superior do capitalismo, e o integralismo se põe como fenômeno do capitalismo imaturo ou nascente, a traduzir uma proposta de regressão, em país de extração colonial que emerge como formação hiper-tardio do “capitalismo verdadeiro.”⁴¹

Afinal, qual era a concepção do integralismo sobre o fascismo? Uma resposta concisa é encontrada no livro *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*, mas que pode dar uma idéia do que o Sigma propagava a respeito.

O Integralismo considera um regime de circunstância, aparecido na Itália no momento em que o Comunismo avançava assustadoramente, ameaçando a integridade daquela Nação. Não tinha uma doutrina fixa, como o Nazismo. Sua preocupação era o combate ao comunismo. Uma vez no poder organizou o Estado baseado no corporativismo católico, absorvendo o partido cristão de D. Stulzo, no nacionalismo pregado pelo partido desse nome e tradições históricas do povo italiano e seus ancestrais romanos. Tentou debalde dar ao movimento um conteúdo filosófico, por esforço de alguns intelectuais como Giovanni Gentile, mas o sentido político do regime foi pragmático, mais preocupado com as realizações administrativas.⁴²

Ainda segundo o Integralismo, o Comunismo denomina fascista a quantos lutam contra sua ideologia por ter sido o primeiro movimento pequeno-burguês que se ergueu contra ele. E conclui que a Enciclopédia Soviética define o Fascismo como “qualquer ação contrária à revolução do proletariado”.⁴³

Para o Sigma, Nazismo e Fascismo não são idéias oriundas do século XX. Tanto um como o outro são remanescentes das idéias do século XIX, inadequadas ao nosso tempo. Portanto, o Integralismo, uma doutrina do século XX, pelo seu sentido de síntese e critério de co-relações dos fenômenos econômicos-sociais, jamais poderia aceitar o tipo de Estado Fascista ou Nazista. Além disso, se o Integralismo considera o Estado uma criatura da

⁴¹ Idem. P. 595.

⁴² LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 38

⁴³ Idem. P. 39.

Nação, não pode aceitar qualquer doutrina que superponha o Estado à Nação. O menor não pode absorver o maior.⁴⁴

Finalizando esta primeira parte, o professor Hégio Trindade faz uma análise do conteúdo das entrevistas de integralistas e da tese defendida por José Chasin.

“Essa aparente contradição entre as entrevistas é esperada. Cada dia que passa, com a derrota do nazi-fascismo, a tendência é separar as "exterioridades" do pensamento de Plínio. Como se trata de um autor prolixo não se pode reduzir tudo ao fascismo, especialmente o que escreveu no exílio português (Vida de Jesus, etc.) e a reedição encadernada de seus livros dos anos 1950, onde foram alteradas todas as expressões comprometedoras (tenho uma nota na minha tese sobre o assunto). Isto explica o discurso dos teus entrevistados, aliás, foram discutir comigo os mesmo argumentos por ocasião da inauguração do arquivo de Rio Claro e os enfrentei com sucesso. Mas o mais grave é o Chasin, que vindo da esquerda embarcou numa canoa furada. Primeiro, porque reduziu o integralismo ao Plínio e esqueceu de Reale, Barroso, etc. Segundo, porque leu a reedição de 1950 e caiu no discurso "renovado", onde o partido único, o sindicato único, o corporativismo evaporaram. Terceiro, fez uma análise dogmático-dedutiva: se o "capitalismo era hiper-tardio" no Brasil, não poderia teoricamente haver fascismo, logo presta um serviço para os integralistas: tudo que pudesse ser confundido com fascismo diz que é "tático" para beneficiar-se do prestígio do fascismo. Só tem uma saída: testar a hipótese de vários ângulos (ideologia, base social, organização, atitudes) e ter a possibilidade de entrevistar os "velhos" que confessavam terem sido realmente fascistas "brasileiros".

Diante dos fatos não há argumento. Foi o que tentei fazer.”⁴⁵

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Entrevista concedida ao autor, no dia 11 de novembro de 2001.

O ANTI-SEMITISMO

Outra discussão importante dentro do contexto do integralismo é a hipótese da presença do anti-semitismo, explicitamente inserido nos discursos de alguns dos principais integralistas, como Gustavo Barroso e Menotti Del Picchia, e de vários camisas-verdes que assinavam artigos no jornal *Cidade de Olympia*.

Em documentos oficiais da Ação Integralista Brasileira não encontra-se referências ao anti-semitismo. Ao ler o Artigo 4º (O Nosso Nacionalismo) do Manifesto de Outubro de 1932, nota-se que a A.I.B. procurava deixar clara apenas sua crítica a burguesia brasileira por se deixar influenciar pelos costumes estrangeiros.

*O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação Brasileira e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que está periclitando na Europa e nos Estados Unidos.*⁴⁶

Para esclarecer em que se baseou o Integralismo sobre o assunto, é citado Alberto Torres e seu livro “O Problema Nacional Brasileiro”, onde afirma “*que no Brasil muitos intelectuais aceitavam as idéias racistas dos povos que nos queriam dominar, sob pretexto de nossa inferioridade racial*”.⁴⁷

A A.I.B. considerava ridículo o racismo num país, que é o resultado de um conjunto de raças. Além disso, *o integralismo sendo cristão não poderia aceitar o racismo, já que Cristo pregou a confraternização de todos os povos e raças.*⁴⁸

No entanto, o Sigma admitia que *alguns integralistas poderiam ser atraídos pelo racismo, mas estes estariam fora da doutrina, agindo por conta própria, como acontece, aliás, a este e outros respeitos, em todas as correntes políticas.*⁴⁹

Dentro dessa linha de pensamento integralista sobre o racismo e, conseqüentemente, o anti-semitismo, enquadrava-se o chefe das milícias Gustavo Barroso e Menotti Del Picchia.

⁴⁶ Manifesto de Outubro de 1932. P. 6.

⁴⁷ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 39.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

Estranho é verificar que, na maioria dos artigos integralistas publicados no jornal olimpiense, entre 1932 e 1937, encontra-se referências ao anti-semitismo.

O médico Emanuel Pedro Tauyr nega que seja anti-semita, condena qualquer tipo de racismo e completa: *“o integralismo nunca pregou o anti-semitismo ou outra espécie de racismo. Alguns integralista, geralmente intelectuais, foram contaminados pelo pensamento anti-semita que existia na época oriundos da Europa, mas não influenciaram os fundamentos da doutrina integralista.”*⁵⁰

Outro integralista que nega ser anti-semita é o presidente do Centro de Estudos e Debates Integralistas, Marcelo Santos Mendez: *“sou anti-sionista, que é a pessoa que se manifesta contrária a política imperialista e genocida dos sucessivos governos israelenses, que massacram impiedosamente os palestinos, na sua justa luta por uma Pátria.”*⁵¹

O integralista Hélio Pellegrini considera que todo anti-semita não passa de uma pessoa radical e conclui: *“como cristão, amo a todas as raças do planeta Terra, a saber: brancos, negros, amarelos, etc.. Todos nós somos irmãos de Jesus e o mestre era filho de judeus. O Integralismo como doutrina defende a trilogia Deus, Pátria e Família e sendo essa uma doutrina espiritualista, defendemos todas as raças e o amor fraternal entre os povos”.*⁵²

Enquanto sobreviventes do movimento e os novos camisas-verdes rejeitam qualquer acusação de racismo, o mesmo não acontecia com integralistas olimpienses ou não, que declaravam seu anti-semitismo através do jornal *Cidade de Olympia*, como será abordado no Capítulo 2.

Em seu livro, Hégio Trindade escreve que o anti-semitismo *“não é um tema ideológico que estabeleça consenso entre os ideólogos integralistas”.*⁵³

De todos os teóricos integralistas, Gustavo Barroso foi o mais radical e o que jamais tentou esconder seu anti-semitismo. Aliás, sempre presente em suas obras, como *Brasil, Colônia de Banqueiros*, onde procura demonstrar a ação nociva dos judeus contra os interesses do Brasil, e *Os Protocolos dos Sábios do Sião*, cujo texto completo e apostilado foi traduzido por Barroso, onde consta uma suposta denuncia de um plano dos judeus para a conquista do mundo.

Hégio Trindade considera que o anti-semitismo não era consensual no integralismo, assim como não era um traço mais importante no fascismo italiano:

“O anti-semitismo não era consensual, mas afirmado claramente por Gustavo Barroso e por seus seguidores. Plínio é menos explícito. O fascismo italiano também não

⁵⁰ Entrevista concedida ao autor, no dia 10 de novembro de 2001.

⁵¹ Entrevista concedida ao autor, no dia 12 de novembro de 2001.

⁵² Entrevista concedida ao autor, no dia 13 de novembro de 2001.

⁵³ TRINDADE, Hégio. *Integralismo – O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. P. 242.

tinha no anti-semitismo seu traço mais importante. Tenho provas nas minhas entrevistas (que agora estou começando a analisar) de que muitos foram anti-semitas. Inclusive o Barroso traduziu “Os Protocolos do Sábios do Sião” e quem me deu disse-me que era um dos últimos exemplares, porque os judeus haviam comprado todos e destruído!”⁵⁴

Como veremos a seguir, os artigos integralistas publicados no jornal *Cidade de Olympia* mostram um forte anti-semitismo presente na ideologia de seus autores, inclusive Plínio Salgado.

FASCISMO E ANTI-SEMITISMO: ANÁLISE DO DISCURSO INTEGRALISTA NO JORNAL “CIDADE DE OLÍMPIA”

"Antes de transpores esta porta, consulta teu coração: És capaz de renunciar aos prazeres, ambições, interesses, à própria vida, pela grandeza da Pátria? Se ele disser "sim" então entre e encontrarás aqui teus irmãos e tua glória. És capaz de renunciar aos prazeres, ambições, interesses, à própria vida, pela grandeza da Pátria? Se ele disser "sim" então entre e encontrarás aqui teus irmãos e tua glória."

A partir de agora, faremos uma análise dos discursos integralistas através dos artigos publicados no jornal *Cidade de Olympia*, entre 1932 e 1937. Eles foram escritos por camisas-verdes locais, estaduais e nacionais.

Em alguns artigos, o autor é apenas identificado por um codinome ou letras, como Conselheiro Y, Guarany, Zé Pequeno, S.P., X, etc.. Já em outros, os autores são integralistas conhecidos nacionalmente, como o Chefe Nacional, Plínio Salgado, e Menotti Del Picchia.

O mais importante autor de artigos integralistas escritos no referido jornal, foi o médico Philemon Ribeiro da Matta, que residia no então distrito de Luiz Barreto, atual Severínia.

Philemon da Matta nasceu em Campos, Estado do Rio de Janeiro, em 1888, e formou-se em farmácia e medicina pela Faculdade de Medicina do Rio. Aos 14 anos era colaborador dos jornais “O Combate” e “A Gazeta do Povo”, de Campos. Também escrevia para a revista literária de Theophilo Guimarães, “A Aurora”.

⁵⁴ Entrevista concedida ao autor, no dia 11 de novembro de 2001.

Em 1932, quando ainda residia e trabalhava em Luiz Barreto, Philemon foi convidado por Plínio Salgado para fazer parte do grupo de intelectuais da S.E.P. – Sociedade de Estudos Políticos, o embrião da futura A.I.B..

Olímpia foi fundada no dia 2 de março de 1903 pelo engenheiro escocês Robert John Reid e fica distante 448 quilômetros de São Paulo. O município, que pelo último censo possui pouco mais de 45 mil habitantes, tem como principal atividade econômica os cultivos da laranja e da cana-de-açúcar.

Nas décadas de 20 e 30, Olímpia destacava-se economicamente pelo plantio de café, sendo um dos principais produtores do país e a quarta cidade paulista em movimentação bancária, atrás apenas da Capital, Santos e Campinas.

Segundo a *Revista Agrícola de Olympia*, publicada em 1925, o município, que era composto por Cajobi, Severínia, Guaraci, Altair, Icém e Patos, tinha uma população de 48 mil habitantes, espalhados por 9.650 quilômetros quadrados, sendo apenas 7 mil moradores na zona urbana, distribuídos por mil casas. Havia 519 lavradores de café, sendo que 7% dos cafeeiros pertenciam a estrangeiros, dos quais 203 eram italianos. Eram 12.868.711 pés de café.

A presença de imigrantes italianos, espanhóis, portugueses e japoneses no município foi massiva nas referidas décadas.

Já o jornal *Cidade de Olympia* foi fundado no dia 23 de janeiro de 1917, quando o município de Olímpia tinha apenas 14 anos de existência. Ele circulou até entre 1954 e 1955, segundo seu último diretor, o advogado Luiz Mori Laraia, ainda vivo. O jornal pertenceu à família Mori.

Parte do arquivo do jornal está completamente perdida, outra parte encontra-se no Museu de História e Folclore “D. Maria Olímpia”, localizado em Olímpia, e na coleção particular do juiz aposentado Alcy Gigliotti, que reside em Campinas.

Apesar de seu último diretor afirmar que o jornal não era simpatizante do Integralismo, a verdade é que o órgão abriu um enorme espaço ao movimento. Entre 1932, ano da fundação da Sociedade de Estudos Políticos e da Ação Integralista Brasileira, e 1937, data do fechamento da A.I.B. pelo Estado Novo, foram publicados 92 artigos e notícias sobre o Sigma. A maioria deles em primeira página.

Ao contrário dos jornais integralistas, o *Cidade de Olympia* não vinculava as notícias locais ao movimento. O órgão se limitava a abrir espaço às notícias e artigos escritos por camisas-verdes, mas sempre deixando claro em seus comentários a simpatia pela A.I.B..

Na maioria dos artigos, nota-se uma preocupação constante dos autores com as principais questões nacionais e internacionais da época, como democracia, liberalismo, capitalismo, comunismo, fascismo, anti-semitismo e sufrágio universal.

Em seu livro *Integralismo – Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*, Rosa Maria Feiteiro Cavalari afirma que “a palavra impressa ocupava um lugar de destaque na rede constituída pela A.I.B. e era, principalmente, por seu intermédio, que a doutrina integralista chegava até ao militante”.⁵⁵

Segundo a autora, “uma primeira olhada nos jornais produzidos pelo movimento evidencia que o objetivo da imprensa integralista era a doutrinação”.⁵⁶

Apesar de não fazer parte da imprensa integralista, o jornal olimpiense tinha as mesmas funções, divulgar a ideologia e doutrinar.

Os primeiros artigos publicados no “Cidade de Olympia” divulgavam os princípios do movimento, principalmente, os contidos no Manifesto de Outubro de 1932. Em seguida, o órgão publica os artigos doutrinadores e notícias sobre o Núcleo Municipal de Olímpia.

O estudo de Rosa Cavalari teve como base os jornais integralistas disponíveis no Arquivo Público Municipal de Rio Claro. Já este trabalho busca um viés diferente, analisando o discurso integralista num jornal não comprometido diretamente com o movimento. Através dele, é possível se ter uma visão do que pensavam camisas-verdes do interior, praticamente ignorados pela historiografia tradicional, sobre questões polêmicas, a relação fascismo-integralismo e o anti-semitismo, objetivo principal deste trabalho. A partir dessa visão, o debate em torno das questões relacionadas poderá ser substancialmente enriquecido dentro da História do Brasil.

Em 1929, o jornal *Cidade de Olympia* já abria espaço pela primeira vez para a publicação de um artigo escrito pelo futuro chefe nacional da A.I.B., Plínio Salgado. Com o título *Júlio Prestes e a Nação*, publicado na edição de 27 de outubro, Salgado defendia a candidatura do então presidente de São Paulo à presidência da República: “*Júlio Prestes não deve mais ser encarado como um candidato de partido, e sim como um candidato da Nação. Seu nome não representa uma formula partidária, mas uma solução aos interesses magnos da República.*”⁵⁷

Ainda em 1929, Plínio era filiado ao Partido Republicano Paulista.

No mesmo ano, outro futuro integralista, Menotti Del Picchia, tem um artigo de sua autoria escrito no jornal sobre as eleições presidenciais, onde em apoio a Prestes, critica a Aliança Liberal.

“Triste espetáculo apresenta à nação brasileira a Aliança Liberal. Filha da insubordinação e da felonía, não tem sequer

⁵⁵ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – Ideologia e Organização de um Partido de Massa no Brasil (1932-1937)*. P. 79.

⁵⁶ Idem. P. 80.

⁵⁷ SALGADO, Plínio. *Júlio Prestes e a Nação*. Jornal “Cidade de Olympia”, 27 de outubro de 1929. S/P.

*a sustentar sua má causa, o brilho de um advogado genial e ardiloso. Nunca o Brasil assistiu a campanha mais pobre de idéas, levada avante por uma dissidência que diz falar em nome de “princípios”.*⁵⁸

Através destes dois artigos é possível perceber a frustração que teriam os futuros integralistas com a Revolução de 1930. Tanto, que Plínio Salgado abandonaria o P.R.P. para mais tarde fundar o movimento integralista.

Já em 1930, Plínio era reconhecido como grande escritor nacionalista, pois como deputado havia apresentado no Congresso Estadual um projeto de lei instituindo um concurso anual para escritores de obras literárias infantis, poesias e canções brasileiras.

O “gesto de elevado patriotismo” do então deputado perrepista foi elogiado por Manuel Mendes, no artigo *O Brasil de Amanhã*, publicado na edição de 19 de janeiro de 1930.⁵⁹

Mesmo antes da fundação do movimento, é importante perceber a convergência de idéias daqueles que mais tarde se tornariam integralistas.

Um outro exemplo é o do médico Philemon Ribeiro da Matta, autor do artigo *A Nossa Pá de Cal*, escrito com o pseudônimo de Philemon Patraculo. Nele, Philemon confessa seu *“despreso pelos poderosos, pois o nosso amor pelo Brasil nos ordena, desde que esses poderosos vivam no poder para degradar os nossos costumes, dando as mais tristes manifestações de desrespeito à lei, para satisfação de caprichos pessoas.”*⁶⁰

Em outro trecho do artigo, Philemon critica os governos despóticos de Epitácio Pessoa, Artur Bernardes e Washington Luís e suas toneladas de mazelas. Entretanto, o alvo principal das críticas era o líder comunista Luiz Carlos Prestes: *“soldado de valor que admirávamos, porque nelle pulsava um coração ardente de patriota, mas sobre quem agora depositamos a nossa pá de cal pelas idéias communistas de seu manifesto”.*⁶¹

É perfeitamente possível notar duas importantes convergências ideológicas dos futuros camisas-verdes, o nacionalismo e o anti-comunismo. Mas também existiam divergências políticas entre eles.

Enquanto Plínio e Del Picchia defendiam a eleição de Júlio Prestes e se decepcionavam com a Revolução de 30, Philemon da Matta a saudava como uma nova proclamação da República.

Em artigo publicado no dia 2 de novembro de 1930, Philemon escrevia:

⁵⁸ DEL PICCHIA, Menotti. *Azes do Baralho*. Jornal “Cidade de Olympia”, 02 de novembro de 1929. S/P.

⁵⁹ MENDES, Manuel. *O Brasil de Amanhã*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de janeiro de 1930. S/P.

⁶⁰ DA MATTA, Philemon Ribeiro. *Nossa Pá de Cal*. Jornal “Cidade de Olympia”, 08 de junho de 1930. S/P.

⁶¹ Idem.

“As mesmas forças identificadas com as aspirações populares, alijam no chão a ditadura mais indecente do mundo e as oligarchias preñhes de ladrões dos Estados, e conduzem para a prisão o déspota, cheio de cegas paixões, cujo coração não se apiedava com a desgraça da pátria e de seus irmãos, contanto que sua vaidade fosse plenamente satisfeita.”⁶²

Tempos depois, Plínio Salgado e Philemon da Matta tornariam-se amigos e defensores das mesmas idéias, que mais tarde seriam perseguidas por Getúlio Vargas.

A partir do ano de 1931, o jornal *Cidade de Olympia* passou a publicar alguns artigos relacionados ao fascismo italiano.

O primeiro deles intitulado *Com o “Fascio”*, foi escrito por um certo João de Olímpia e publicado na edição de 25 de janeiro de 1931.

Nele, João de Olímpia critica a demasiada expansão do fascismo no Brasil e, especialmente, em São Paulo e também a intolerância descabida dos fascistas em Olímpia.

“Não vou discutir, e isto não me interessa, a eficácia do rejime “fascista” na Itália. O que não podemos permitir porém, é que a propaganda desse rejime venha descansar a sua tenda nos campos da política brasileira.

Não é de hoje que os anti-fascistas, ou mesmo aqueles que não são, vêm sendo perseguidos pelo dedo implacável do deus “fascista”, permitam -me a expressão sem ironia.”⁶³

Em outro artigo assinado pelo Dr. T. Miranda, o fascismo também é criticado e julgado como abominável, como tudo que suprime de modo completo a liberdade.

“...eu penso que não há logar algum na terra onde possa germinar ou crescer outro fascismo e onde possa surgir outro Mussolini. Em todos os outro paízes do mundo para onde se ensaiou transplantar o fascismo, a tentativa foi coroada da mais amarga decepção.”⁶⁴

No mesmo artigo, Miranda faz alusão à intolerância dos fascistas olimpienses, que não aceitavam críticas ao fascismo e ao Duce.

Referindo-se a um episódio ocorrido em 1931, envolvendo o embaixador italiano no Brasil, durante o embarque de aviadores da Itália, em que autoridades brasileiras foram

⁶² Idem. *A República*. Jornal “Cidade de Olympia”, 02 de novembro de 1930. P. 1.

⁶³ OLÍMPIA, João de. *Com o “Fascio”*. ”. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de janeiro de 1931. S/P.

⁶⁴ MIRANDA, T.. *Carta ao Snr. Luiz Mori*. ”. Jornal “Cidade de Olympia”,

chamadas de imbecis, o articulista “Milagroso” escreve que *“somos todos uns imbecis porque toleramos todas as insolências do fascismo no Brasil.”*⁶⁵

E continua em seu artigo: *“...imbecis porque levamos a sério o fascismo e os fascistas e não temos tido autoridade bastante para fazê-los calar ou então mostrar-lhes o caminho do seio de Mussolini...”*⁶⁶

Este foi o último artigo contra o fascismo publicado pelo jornal *Cidade de Olympia*. A partir de maio de 1932, quando é divulgada a primeira nota sobre a Sociedade de Estudos Políticos, o órgão passa a dar destaque aos artigos integralistas, onde aparecem as tendências fascista e anti-semita.

A primeira notícia veiculada pelo jornal sobre a S.E.P., o embrião da A.I.B., foi no dia 15 de maio de 1932 e trazia o seguinte conteúdo:

Convidado pelo sr. Plínio Salgado, uma das maiores cerebrações do Brasil Novo, entrou para a S.E.P. (Sociedade de Estudos Políticos) o nosso amigo Dr. Philemon P. Ribeiro da Matta.

*“Somos pela unidade da Nação”, é o primeiro princípio fundamental dessa Fundação.*⁶⁷

Na edição seguinte do jornal, em 22 de maio, no artigo intitulado *“Pelo Brasil”*, escrito por “Zé Pequeno”, a Sociedade é saudada como aquela que chegou para *“combater por todos os meios a politicagem dos oportunistas sem ideias, dos que se agarram às tetas do tesouro em proveito próprio sem se incomodarem com as necessidades do paiz”*.⁶⁸

Em outro artigo sobre a S.E.P, o *Cidade de Olympia* iniciava a divulgação dos seus princípios, dirigida aos *“moços de Olympia, aos intellectuaes e estudiosos, a quem, amanhã, serão confiados os destinos de nossa pátria”*.⁶⁹ O texto é assinado por um provável militante que se identificava apenas pela letra “X” e que já havia escrito outro artigo no mesmo jornal defendendo a ditadura como único meio de salvar o Brasil.

O médico Philemon da Matta voltava a escrever para o jornal, agora criticando o sufrágio universal, considerado por ele uma mentira. Mesmo defendendo Getúlio Vargas, Matta justifica sua afirmação ao dizer que *“no paiz de 40 milhões de habitantes, 2 milhões não havia de eleitores e mesmo admitindo que existiam, 80% desses eleitores votavam pelo*

⁶⁵ MILAGROSO. *Imbecis.* ”. Jornal “Cidade de Olympia”, 08 de fevereiro de 1931. S/P.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ A S.E.P.. ”. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de maio de 1932. S/P.

⁶⁸ PEQUENO, Zé. *Pelo Brasil.* ”. Jornal “Cidade de Olympia”, 22 de maio de 1932. S/P.

⁶⁹ X. A “S.E.P.”. ”. Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de maio de 1932. S/P.

cabresto, sem nenhuma noção de civismo, sem saber mesmo se o Brasil era república, manarchia ou outra coisa qualquer...”.⁷⁰

A crítica violenta ao sufrágio universal foi uma das bandeiras do integralismo, que pregava o voto profissional como o que melhor e mais fielmente traduziria a defesa dos interesses do povo.

O jornal divulgava informações sobre a Ação Integralista quase sempre acompanhadas de comentários, como: *hoje damos um trecho das publicações integralistas, satisfazendo a curiosidade da nossa adeantada cidade de Olympia.*⁷¹ Ou como na edição de 29 de outubro de 1933, onde está estampada a foto de Plínio e ao final do texto segue o seguinte comentário:

A “Cidade de Olympia”, acompanhando de perto esses movimentos pela implantação da pátria totalitária, uma, indivisível, grande e eterna, tem o prazer de honrar suas columnas de hoje estampando o retrato do chefe integralista Plínio Salgado, uma das mais privilegiadas cerebrações do Brasil novo, como pensador, sociólogo, litterato, jornalista e homem de acção e patriotismo insuperável. XXX Plínio Salgado (P.)⁷²

Assim, ficava explícita a simpatia do órgão olimpiense pelas idéias integralistas. Mas não só o jornal nutria simpatia pelo Sigma, como também considerava o integralismo como um movimento fascista.

Essa tendência fica mais explícita na edição do dia 5 de novembro de 1933, quando o jornal estampou uma foto de Gustavo Barroso fazendo a saudação do Anauê! e o autor do texto, um certo “P.”, a associa à moda de todos os fascistas do mundo.⁷³

Na edição do dia 19 de novembro, é publicada uma entrevista concedida por Plínio ao jornal, onde são expostas as suas idéias. Ao agradecer a entrevista, o “Cidade de Olympia” chama o integralismo de fascismo brasileiro.⁷⁴

De 1932 a 1937, o jornal *Cidade de Olympia* abriu espaço para um único artigo criticando o integralismo e o acusando de fascista. Ele foi escrito por um profissional liberal olimpiense de nome Sylvino Costa Moraes sob o título *Qual será o melhor regime político-social de um povo.*

⁷⁰ MATTA, Philemon Ribeiro da. *O Sufrágio Universal é uma Mentira.*”. Jornal “Cidade de Olympia”, 03 de julho de 1932. P. 1.

⁷¹ R.M.. *Acção Integralista.*”. Jornal “Cidade de Olympia”, 04 de dezembro de 1932. P. 1.

⁷² Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de outubro de 1933. P. 1.

⁷³ Jornal “Cidade de Olympia”, 05 de novembro de 1933. P. 1.

⁷⁴ *O Novo Verbo do Integralismo.* Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de novembro de 1933. S/P.

Nele, Sylvino Moraes acusa os adeptos do integralismo de no fundo ser puramente fascistas carolas:

“...para burlarem as massas e os incautos e para provarem as vantagens illusórias do fascismo, fazem em seu programma, uma crassa parodia do syndicalismo – isto, porém, para inglez ver e allemão cheirar, ou melhor, em these, porque na prática a dansa será outra – pois, os seus graduados são todos grossos e gordissimos burguezes.”⁷⁵

E vai mais longe em suas acusações ao integralismo:

“Dizem elles, então, que esse integralismo, que tira a soberania do povo e dos Estados confederados, é o melhor regime político-social de um povo – inculto, já se vê – mormente para o Brasil que precisa de um segundo Mussolini que elles integralistas se encarregarão de crear.”⁷⁶

Na edição de 19 de fevereiro de 1933, apareceu o primeiro artigo vinculando a A.I.B. ao fascismo europeu. No mesmo artigo, assinado por um tal R.M., fica clara a intenção da divulgação das idéias integralistas pelo jornal: atingir as pessoas cultas do município e região.

Outro trecho da publicação mostra novamente esse elitismo: *“não é possível que o Brasil, paiz de bravos, paiz de gente lúcida, com uma elite igual às das mais velhas civilizações, não encontre também seu caminho...”*⁷⁷

R.M. cita em seu texto que Mussolini salvou a Itália, que tornou-se grande e feliz e Salazar estava concertando o pequenino e formoso Portugal. Mas a apologia aos regimes fascistas na Itália e em Portugal não param por ai. O autor do artigo “sonha” com o fascista brasileiro que irá concertar o país:

“E nós, cheios de patriotismo e com o coração trespassado de dôr, vendo lutas fratricidas enfraquecendo o cerne da nacionalidade, perguntamos, muita vez, a nós mesmos, no silêncio de nossas vigílias cívicas: - onde está o nosso Mussolini, quando surgirá um Salazar, que faça o Brasil grande, rico, sem lutas estéreis, sem esse quadro tétrico que é a população rural do paiz, carcomida de todas as

⁷⁵ MORAES, Sylvino Costa. *Qual Será o Melhor Regime Político-Social de um Povo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 05 de fevereiro de 1933. P. 1.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ R.M.. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de fevereiro de 1933. P. 1.

endemias, e afogada nas trevas diante do mais absoluto analfabetismo!?”⁷⁸

Concluindo seu pensamento, R.M. pergunta a Plínio Salgado até quando, numa evidente alusão a quem seria o “nosso” Mussolini ou Salazar.

Mussolini volta a ser elogiado em outro artigo estampado em 1933, só que desta vez sem associação com o integralismo.

No artigo *Política de Mérito*, Leonardo Posella Segundo fala o seguinte sobre o Duce:

“O sr. Mussolini é realmente uma sonda do espírito humano, que vem perfurando no interno com aplicação do injectar a voz diplomática, para acolher a soberania na utilidade colectiva! É um gênio excepcional, um vulto que registra em seu talento o cadastro das gerações humanas, phenomeno oportuno na direção dos “camisas-pretas”, mérito que glorifica a tradicional Itália.”⁷⁹

Posella Segundo escreveu o artigo para falar de uma reunião envolvendo representantes da Itália, Alemanha, França e Inglaterra sobre a corrida armamentista.

Outro que elogia o fascismo, sem aparentemente ter vínculo ao integralismo, é Brasilino de Carvalho, em seu artigo *Fascismo e Communismo*.

Para Brasilino, o advento do fascismo na Itália revelou ao mundo a figura impressionante de Mussolini, a personificação do mais perfeito estadista da história da civilização. O autor chega a chamar Mussolini de super homem, de novo “Messias” do cristianismo.⁸⁰

No primeiro artigo em que faz menção ao fascismo, Philemon Ribeiro da Matta transcreve trechos dos *Estudos Integralistas*, onde cita Plínio e Miguel Reale.

Em *A Posição do Integralismo*, escrito por Reale, Philemon destaca o trecho em que este comenta a relação entre fascismo e integralismo: *“O Fascismo encontra o remédio para os males que o socialismo revelou. O Estado precisou recorrer à violência para impor a ordem entre os grupos fortíssimos em lucta. Qualquer que tenha sido a sua origem, hoje o Fascismo é a identificação do Estado com os grupos profissionaes, com a Nação.”⁸¹*

Tanto Reale como Philemon nunca esconderam sua simpatia pelo fascismo italiano, ao contrário de Salgado.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ SEGUNDO, Leonardo Posella. *Política de Mérito*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de junho de 1933. S/P.

⁸⁰ CARVALHO, Brasilino de. *Fascismo e Communismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de janeiro de 1934. S/P.

⁸¹ MATTA, Philemon Ribeiro da. *A Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de julho de 1933. P. 1.

Essa simpatia de Philemon fica explícita neste mesmo texto, quando chama Mussolini de gênio, que concertou a Itália, e elogia Hitler por fazer a Alemanha “voltar aos áureos tempos”.⁸²

O lado fascista e anti-semita de Philemon da Matta fica ainda mais transparente no artigo *Integralismo*, de outubro de 33. Nele, Matta além de elogiar os fascismos italiano, alemão e português, também comenta sobre o crescimento do movimento em outros países europeus.

*“Não é somente na Itália que o fascismo atingiu inteiro esplendor, estabelecendo a ordem social dentro do país, e incrementando o progresso em todos os recantos da península. Na Alemanha culta e patriótica, corroída por tantos inimigos, o fascismo esta operando milagres...E graças a elle, a Alemanha saberá collocar-se de novo no logar justo que lhe compete entre as nações civilizadas do occidente. Portugal também, depois da implantação da República, era a desordem. Cada semana, cada revolução. Mas Salazar, com suas idéias fascistas, ou integralistas, salvou a pátria de nossos maiores, E hoje Portugal vive feliz. Mussolini, Hitler e Salazar são hoje três figuras de projecção mundial.”*⁸³

Para Philemon, o Duce salvou o mundo da barbárie, pois se não fosse ele, o comunismo teria destruído tudo, negando Deus, desmembrando as pátrias e profanando as famílias.⁸⁴

O anti-semitismo também aparece pela primeira vez em textos de integralistas: *“Os judeus do oriente mandam seus emissários espalhar entre nós as idéas bolchevistas. Os judeus do ocidente mandam a nossa imprensa mercenária pregar o internacionalismo...Mandam até condenar o surto da indústria paulista, da indústria brasileira...”*⁸⁵

O fascismo e o anti-semitismo, negado pelos velhos e novos integralistas vivos, vai ser corrente nos artigos publicados pelo *Cidade de Olympia*.

Aproveitando a visita do presidente argentino da época ao Brasil, General Agustín Justo, o médico Philemon da Matta acusa os judeus de perpetrarem um plano para

⁸² MATTA, Philemon Ribeiro da. *A Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de julho de 1933. P. 1.

⁸³ Idem. *Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de outubro de 1933. P. 1.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

desunir as duas nações sul-americanas: *“typos ignaros da velha Europa já tentaram perturbar essa paz entre os dois povos irmãos. Os judeus da Europa não se cansam nunca nos planos diabólicos. Elles querem vender armas, querem a desunião entre as nações da América, querem a guerra, querem até o separatismo...as patriasinhas, de que elles se apoderariam depois. Ignorantes!”*.⁸⁶

Philemon vai se revelar o mais entusiasta dos anti-semitas que escreviam para o jornal.

A relação entre integralismo e fascismo vai se tornando mais evidente, na medida em que outros artigos de camisas-verdes a revelam. É o caso do artigo escrito pelo dr. Madeira de Freitas, Chefe do Distrito Federal e catedrático da Escola de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, onde comenta a acusação de copiadores de Mussolini:

*“Accusam-nos de copiadores de Mussolini. E não têm elles nenhuma razão. Nós não imitamos Mussolini, porque a camisa-verde é uma instituição garibaldina; mas, mesmo que o fizessemo, em que a nossa culpa por imitar um grande homem? Não é porventura a vida, em si, uma série de imitações de toda a espécie?”*⁸⁷

O avanço do fascismo no mundo é analisado no texto *A Marcha do Fascismo*, sem autor. Nele, há uma descrição do fascismo na Inglaterra, Canadá, Grécia, Romênia, Áustria, Filipinas e no Brasil, onde os *camisas-azeitonas*, *por enquanto*, são os mais *inoffensivos*.⁸⁸

Outro importante camisa-verde que escrevia para o *Cidade de Olympia* era identificado apenas por Conselheiro Y, que começa a publicar seus artigos a partir de 1934.

Em seu primeiro artigo, Conselheiro Y defende a violência usada pelo Fascismo e o Hitlerismo para restabelecer a ordem em seus países e resume:

“O Fascismo e o Integralismo não são formas de governo – mas systemas doutrinários de governos que se acomodam a qualquer forma de governo, monarchia ou república. Não são ditaduras, porque si se quizer insistir nesta afirmação então em última analyse, todas as formas de governo seriam ditaduras, uma vez que a collectividade não pode se

⁸⁶ MATTA, Philemon Ribeiro da. *Tudo nos Une*. Jornal “Cidade de Olympia”, 08 de outubro de 1933. P. 1.

⁸⁷ FREITAS, Madeira de. *O Movimento Integralista no Brasil*. Jornal “Cidade de Olympia”, 18 de março de 1934. S/P.

⁸⁸ *A Marcha do Fascismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 25 de março de 1934. S/P.

*afastar da carta magna que a rege, quer seja monarchia constitucional, quer constitucional republicana.*⁸⁹

Na edição seguinte, o Conselheiro Y ataca os judeus e a maçonaria, denunciando um suposto plano para destruir o cristianismo, tendo como base o ensino público laico. Para ele, o plano oculto judaico-maçônico tinha como objetivo “*formar um povo completamente ateu e descrente, solapando desta forma a religião cathólica*”.⁹⁰

O Conselheiro Y faz alusão à Constituição de 1891, que tornou o ensino público laico.

O anti-semitismo esteve presente em artigos assinados por diferentes integralistas e sempre associando a A.I.B. a este sentimento. Como na *Oração a Anchieta*, escrita pelo camisa-verde Ulysses Paranhos, exaltando a obra cristã do Padre José de Anchieta: “*A tua obra, Anchieta, está perigando, seriamente perigando. Velae por ella, te imploramos de joelhos dobrados e de mãos postas, todos nós, integralistas brasileiros*”.⁹¹

O perigo a que se refere Ulysses está nos judeus, comunistas e arrivistas, *que todos os dias aportam às nossas plagas e golpeiam com o machado soviético a cruz que plantastes*.⁹²

Em setembro de 1934, Philemon da Matta escreve uma de suas mais importantes declarações fascistas e que associa ainda mais o integralismo ao fascismo.

No artigo *Como Conheci Plínio Salgado*, Philemon descreve que conheceu o chefe nacional lendo as Notas Políticas, que Plínio escrevia para o jornal “A Razão”.

Matta conta que “*aquellas NOTAS políticas d’RAZÃO eram um evangelho novo que os indivíduos escravizados aos interesses de um partido não poderiam jamais entender, eram um canto claro e festivo da verdadeira liberdade*...”.⁹³

Ao saber através do dr. Alpinolo Lopes Casali quem era o autor das Notas Políticas, Philemon da Matta declara: “*E, desde esse dia, Plínio ficou sendo o meu ídolo, o meu Duce, o meu Führer, o meu Guia. Plínio falando é a própria Alma do Brasil dizendo o que sente, contando o caminho que se tem de trilhar*”.⁹⁴

Esse artigo reforça a idéia de que o integralismo era, sem dúvida, um movimento fascista no Brasil, fato amplamente divulgado por seus membros menos conhecidos pela História, mas não menos importantes dentro da concepção da A.I.B..

⁸⁹ Y. Conselheiro. *Não Confundir*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de abril de 1934. S/P.

⁹⁰ Idem. *Plano Oculto*. Jornal “Cidade de Olympia”, 08 de março de 1934. S/P.

⁹¹ PARANHOS, Ulyses. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de março de 1934. S/P.

⁹² Idem.

⁹³ MATTA, Philemon Ribeiro da. *Como Conheci Plínio Salgado*. Jornal “Cidade de Olympia”, 23 de setembro de 1934. S/P.

⁹⁴ Idem.

Enquanto esses integralistas deixavam bem claro sua tendência fascista e anti-semita, o chefe nacional preferia escrever artigos divulgando as idéias do Sigma.

Todavia, em dois de seus artigos publicados pelo jornal olimpiense, Plínio admite a afinidade entre o integralismo e o fascismo italiano e faz críticas aos judeus.

No primeiro deles, veiculado em 19 de novembro de 1933, Salgado chama a atenção para os partidos reacionários que se rotulam de fascistas, elogia o movimento italiano, justifica sua violência e admite a afinidade:

“É uma injúria se rotularem de fascistas certas organizações que se anunciaram partidárias da violência, do chicote, da abolição da liberdade. Esses grupos representam interesses de aventureiros, porque, o fascismo não é contra os operários nem contra a liberdade humana. O que esses partidos que se dizem fascistas pretendem é a ditadura cruel, em proveito dos mais favorecidos. Imitando o que o fascismo teve necessidade de fazer numa hora calamitosa de desordem, essas correntes ignoram o que há de cultura, de superioridade no movimento italiano, quanto a nós, integralistas, temos muita afinidade com a doutrina fascista, e nada temos de truculência. É verdade que somos enérgicos, e agiremos sem termos nem piedade contra os inimigos do Povo e da Nação. Mas garantimos a dignidade do Homem, jamais pretendendo seguir os métodos daquelles que dizem constituir a questão social um caso de polícia. Estejam, pois, os integralistas prevenidos contra esses fascismos falsificados, a serviço de ambiciosos políticos.”⁹⁵

Esse artigo desmente o que os integralistas sempre afirmaram, que não há nada escrito por Plínio admitindo a relação com o fascismo. Em sua viagem a Europa, em 1930, portanto antes da fundação da A.I.B., Salgado encontra-se com o Duce e elogia o fascismo, ao mesmo tempo que afirma não ser exatamente o que o Brasil precisava.

No texto, Salgado demonstra preocupação com os “falsos” fascismos, pois apenas o integralismo representa no Brasil o “verdadeiro” fascismo.

A crítica aos judeus aparece no artigo publicado em 30 de setembro de 1934, sob o título *Ação Integralista Brasileira – Ao Povo*, onde o chefe nacional enumera as bandeiras do movimento:

⁹⁵ O Novo Verbo do Integralismo. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de novembro de 1933. P. 1.

“CONTROLE DA ECONOMIA NACIONAL pelo Governo, evitando que o agiotarismo depaupere as forças da produção; que o trabalho seja reduzido a uma simples mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura; que o intermediário asphyxie o productor e esmague o consumidor; que o capitalismo internacional os escravise, cada vez mais aos judeus de Londres e Nova York...”⁹⁶

Salgado volta a criticar os judeus em outro trecho do artigo:

“FISCALIZAÇÃO DIRECTA DO ESTADO sobre o cinema, o teatro, a imprensa, o rádio, todos os veículos do pensamento que estão hoje attentando contra a liberdade, forçando o povo a submeter-se aos caprichos de capitalistas judeus, de burguezes sórdidos, de espírito anarchico de agentes de Moscow.”⁹⁷

Apesar dos alvos preferidos dos ataques serem o liberalismo, o comunismo, a democracia e a burguesia, o chefe da A.I.B. deixa margem ainda maior para a discussão em torno do suposto anti-semitismo do movimento. Afinal, é uma crítica que partiu do chefe nacional.

Anti-semitismo, aliás, admitido pelo fundador do núcleo da A.I.B. em Olímpia, o desembargador aposentado Ítalo Galli: *“Como eu posso falar sobre alguém que é contra Cristo. Eles (os judeus) não merecem consideração nenhuma”*.⁹⁸

De todos os integralistas que escreviam para o *Cidade de Olympia*, Philemon da Matta era o anti-semite mais ferrenho. Na maioria de seus artigos, encontra-se violentos ataques aos judeus.

Em nota de sua autoria publicada em 14 de outubro de 34, onde pede votos aos candidatos da Ação Integralista, Matta volta a atacar o judaísmo: *“E só os integralistas poderão salvar o Brasil do judaísmo internacionalista, que, na sombra, procura apunhalar os que se batem pelas idéias mais puras e sagradas”*.⁹⁹

Em outro artigo sobre o judaísmo, Philemon acusa a Rússia de ser a terra dos judeus: *“...a Rússia sahiu do centro da humanidade, tirou a vestes de humanos, para vestir a de urso, o animal traiçoeiro todos sabem. É hoje a terra do judaísmo. É a terra dos judeus, isto é, a terra onde se faz força para destruir a civilização christan”*.¹⁰⁰

⁹⁶ SALGADO, Plínio. *Ação Integralista Brasileira*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de setembro de 1934. P. 1.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Entrevista concedida ao autor, no dia 18 de dezembro de 2001.

⁹⁹ MATTA, Philemon Ribeiro da. *Ação Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 14 de outubro de 1934. P. 1.

¹⁰⁰ Idem. *Rússia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de janeiro de 1936. S/P.

Matta vai mais longe, escrevendo que a maioria dos revolucionários que implantaram o comunismo na Rússia eram judeus.¹⁰¹

O anti-semitismo vai aparecer também num artigo assinado por Ruy do Amaral, olimpiense que fazia parte do Departamento Universitário da A.I.B.. Ele denuncia a existência de uma aliança secreta entre o capitalismo internacional judaico e o comunismo moscovita também judaico.¹⁰²

Outro olimpiense, Antonio Daud, em seu primeiro artigo para o jornal descreve as razões de ter se tomado integralista e aproveita para atacar os banqueiros judeus, “*que querem fazer do Brasil um paiz de recreio e uma ingênua colônia...*”.¹⁰³

Entretanto, o artigo anti-semita mais contundente foi escrito por Menotti Del Picchia e publicado na edição de 2 de junho de 1935.

No seu *Polvo Judaico*, Del Picchia conclama a guerra ao “monstro”, a guerra ao “trust” (judaico) do papel, que busca diminuir a expansão do livro brasileiro, estrangulando a inteligência brasileira.¹⁰⁴

O ódio aos judeus é exteriorizado no texto *O operariado em face do integralismo* de autoria de um certo S.P., que aborda a exploração dos operários pelo capitalismo. Ele aponta os responsáveis pela exploração:

“Esta exploração cruel é operada desgraçadamente pelos agiotas, pelos burguezes sem coração, pelos judeus sem pátria, que endeusaram o dinheiro e só se estabelece onde ele rende mais lucros.

*Nós queremos um Estado forte, que seja mais forte que os partidos dos judeus, não depender delles para distribuir justiça.”*¹⁰⁵

Este foi o último artigo com referências anti-semitas publicado pelo jornal *Cidade de Olympia*.

Philemon da Matta volta a falar sobre o fascismo em seu artigo *Aos Integralistas de Olympia*, quando da organização da A.I.B. na cidade, em 1934.

Na ocasião, Matta analisa a polarização política da época, entre fascismo e comunismo, as duas únicas experiências respeitáveis.¹⁰⁶

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² AMARAL, Ruy do. *A Lei de Segurança*. Jornal “Cidade de Olympia”, 07 de abril de 1935. S/P.

¹⁰³ DAUD, Antonio. *Porque me Tornei Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de abril de 1935. S/P.

¹⁰⁴ DEL PICCHIA, Menotti. *Polvo Judaico*. Jornal “Cidade de Olympia”, 02 de junho de 1935. S/P.

¹⁰⁵ S.P.. *O Operariado em Face do Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 02 de junho de 1935. S/P.

¹⁰⁶ MATTA, Philemon Ribeiro da. *Aos Integralistas de Olympia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de outubro de 1934. P. 1.

A princípio, Philemon elogia as duas ideologias, o fascismo que fez da Itália fraca e decadente uma nação feliz e poderosa e o comunismo que fez da Rússia desprezada e sem conceito uma nação considerada e forte.¹⁰⁷ Mas, é claro, a preferência recai sobre o fascismo, que defende os princípios cristãos e o respeito a Deus, Pátria e Família.

Nos textos integralistas, essa polarização está sempre presente e o integralismo, ao lado do fascismo e do hitlerismo, representa “...os que crêem, os amigos de Deus, da Pátria e da Família”.¹⁰⁸ Do outro lado, estavam os anarquistas, os comunistas e os bolchevistas.

Plínio Salgado era sempre saudado como a esperança de salvação da pátria, o “nosso” Salazar, Hitler, Mussolini.¹⁰⁹

Fuad Daud é outro que não negava a inspiração fascista do integralismo: “O Integralismo, modalidade nacional, autóctone, inspirada na política fascista, não poderia ficar a coberto da metralha comunista...”.¹¹⁰

Um artigo que chama a atenção é o publicado em 1936, escrito pelo advogado olímpense Ruy do Amaral sobre a Guerra Civil Espanhola.

Amaral faz um relato sobre o que ele chama de drama espanhol e defende as forças fascistas do General Franco, que lutavam pela tradição, patriotismo, religião e família.¹¹¹

Era comum encontrar notícias e artigos escritos por intelectuais locais sobre temas internacionais. Afinal, o jornal numa cidade como Olímpia era a principal fonte de informação e debate.

Em junho de 1937, um dos expoentes do movimento em Olímpia, Ruy do Amaral, escreve um artigo para o *Cidade de Olympia*, onde anuncia seu afastamento da A.I.B. e as razões de sua atitude.

Ele começa o artigo dizendo que “estamos vivendo uma hora de tragédia nacional. Os espíritos conturbados, sentem que há alguma coisa, por entre esta extraordinária hora de afirmações”.¹¹²

Ruy do Amaral justifica sua saída do integralismo proclamando-se “profundamente democrático”, portanto, incompatível com um movimento que preconizava um regime de força para o Brasil.¹¹³ Além disso, ele considerava intolerável falar-se em

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Idem. *Dr. Philemon da Matta escreveu para a “Cidade de Olympia”*. Jornal “Cidade de Olympia”, 13 de janeiro de 1935. P. 1.

¹⁰⁹ Idem. *Reparos Integralistas*. Jornal “Cidade de Olympia”, 24 de fevereiro de 1935. P. 1.

¹¹⁰ DAUD, Fuad. *Esboço de uma Victoria*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de setembro de 1935. S/P.

¹¹¹ AMARAL, Ruy do. *O Drama Espanhol*. Jornal “Cidade de Olympia”, 29 de novembro de 1936. S/P.

¹¹² Idem. *Razões de uma Atitude*. Jornal “Cidade de Olympia”, 13 de junho de 1937. S/P.

¹¹³ Idem.

nacionalismo, pregando formulas salvadoras para o país, com o fascismo ou o nazismo, que não passavam de cópias.

Amaral contraria o que já havia escrito anteriormente, ou seja, uma simpatia pelo fascismo.

Nas suas conclusões finais, o advogado escreve que estava abandonando o movimento por motivos de ordem doutrinária e conclui: *“Democrata, nacionalista, anti-fascista, revolucionário, ficarei com o Brasil. Brasil-Futuro que encontrará em si próprio a formula solucionadora de seus problemas. Sem copiar, sem plagiar, sem imitar. Pela Democracia brasileira!”*¹¹⁴

A última notícia sobre o integralismo, antes do Estado Novo, foi divulgada pelo jornal no dia 3 de outubro de 1937 sobre uma conferência no Bairro Baixão, distrito de Luiz Barreto, município de Olímpia. Sem saber o que estava por vir, os integralistas ainda tiveram tempo de proclamar: *somente o integralismo poderá felicitar o povo e fazer do Brasil uma pátria forte, uma potência de primeira ordem.*¹¹⁵

CONCLUSÃO

O autor conclui que não há como negar a forte influência fascista italiana no movimento brasileiro, tanto as “exterioridades”, muito mais visíveis e identificadas pelas pessoas comuns, como também no que se refere a ideologia.

Ao analisar os artigos de integralistas publicados no jornal *Cidade de Olympia*, nota-se uma indisfarçável adesão aos princípios fascistas e uma exaltação aos líderes Mussolini, Hitler e Salazar. Em praticamente todos os textos, fica explícito que os integralistas não nutriam a menor dúvida de que participavam de um movimento semelhante ao fascismo italiano. Na verdade, era exatamente essa semelhança com uma doutrina nacionalista, anti-comunista, anti-liberal e totalitária e que se apresentava como “única alternativa política cristã” na década de 1930, que atraía essas pessoas para a A.I.B..

Essa conclusão contraria o que pensam os integralistas sobreviventes do movimento e dos novos camisas-verdes, que, como vimos, desenvolvem verdadeiras “teorias” para justificar o distanciamento entre as duas doutrinas.

A posição atual pode ser explicada pela derrota tanto do fascismo quanto do integralismo e, conseqüentemente, a associação do fascismo a uma ideologia que representa o que existiu de mais sórdido politicamente. Ao contrário do que ocorria nos anos 30, quando

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ *No Baixão – Conferência Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 03 de outubro de 1937. S/P.

a doutrina fascista surgiu como uma força capaz de reerguer Itália e Alemanha e de combater o comunismo.

Já afirmar que o movimento integralista foi anti-semita seria, no mínimo, prematuro, pois ainda não existem estudos aprofundados sobre o tema. Porém, é correto afirmar a existência de uma forte corrente racista dentro do movimento, influenciada, sobretudo, por Gustavo Barroso, que na década de 30 foi o maior defensor do anti-semitismo no Brasil.

Todavia, após a análise dos artigos publicados no órgão olimpiense é possível afirmar, com certeza, que essa corrente anti-semita era muito maior do que se pensava. Afinal, todos os integralistas que assinavam os artigos, incluindo Plínio Salgado, não escondiam sua aversão pelos judeus.

É evidente que num país multirracial como o Brasil, não caberia um movimento claramente racista, tanto que, mesmo minoria, negros cerraram fileiras na A.I.B., mas nunca judeus.

Mesmo não tendo uma forte presença no Brasil, como tinha na Alemanha, os judeus eram vistos por esses camisas-verdes como nocivos ao país e ao mundo.

Apesar de não concordar com a ideologia integralista, não devemos subestimar sua força doutrinadora e mobilizadora de massas dentro do contexto histórico da década de 1930. Contexto marcado pela crise do liberalismo e da democracia, pela ascensão do comunismo e do fascismo, pelo anti-semitismo e pelo nacionalismo chauvinista.

“...o integralismo foi, para vários jovens, mais do que um fanatismo e uma forma de resistência reacionária. Foi um tipo de interesse fecundo pelas coisas brasileiras, uma tentativa de substituir a platibanda liberalóide por algo mais vivo.”¹¹⁶

¹¹⁶ CÂNDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil, no livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. P. 12.

